

## **Aula 00 - Teoria da História**

*Prefeitura de Navegantes-SC (Professor  
de História) Conhecimentos Específicos -  
2026 (Pós-Edital)*

Autor:  
**Marco Túlio Gomes**

13 de Maio de 2026

## Sumário

1. O que é História? .....	3
1.1 - Fontes históricas .....	3
1.2 - Memória e história .....	4
1.3 - Negacionismo histórico .....	4
1.4 - Para que serve a História? .....	4
2. Vertentes historiográficas .....	6
2.1 - A Escola Metódica ou Positivista .....	6
2.2 - Escola dos Annales .....	7
2.3 - A historiografia marxista inglesa .....	10
2.4 - A micro-história .....	14
2.5 - O “giro linguístico” e as reflexões sobre a História .....	14
2.6 – A História Cultural .....	17
2.7 - A Nova História Política .....	17
2.8 – A História Oral .....	18
3. Reflexões sobre o tempo histórico .....	18
3.1 - A experiência e a expectativa segundo Reinhart Koselleck .....	19
3.2. - François Hartog e os regimes de historicidade .....	20
3.3. - Paul Ricœur e o terceiro-tempo .....	21
4. Introdução à Historiografia Brasileira .....	22
4.1 - Historiografia e Nacionalidade no Século XIX .....	23
4.2 - Capistrano de Abreu e a “redescoberta do Brasil” .....	24
4.3 - Gilberto Freyre e o mito da democracia racial .....	25
4.4. Sérgio Buarque de Hollanda e o homem cordial .....	26



4.5. Caio Prado Jr. ....	27
5. Lista de Questões.....	28
6. Gabarito .....	35
7. Lista de Questões.....	36
8. Considerações Finais .....	48
9. Referências .....	48



## 1. O que é História?

Na reiterada definição do historiador Marc Bloch, **a História é a ciência dos homens no tempo**. Assim sendo, são contempladas as experiências humanas ao longo do tempo e em diferentes espaços, sendo consideradas as mudanças e continuidades.

Parte do ofício dos historiadores envolve a **interpretação dos fatos históricos**, acontecimentos reais do passado que podem ser acessados a partir de vestígios que sobreviveram ao tempo. Cabe destacar que fatos históricos se situam no passado e não podem ser repetidos ou revertidos. Assim sendo, por mais que possam se assemelhar a outros episódios do passado ou do presente, **cada fato histórico é único**.

### 1.1 - Fontes históricas

Os vestígios humanos que nos permitem acessar o passado são chamados de fontes históricas. Vejamos alguns tipos e exemplos:

- **fontes escritas:** livros, revistas, jornais, documentos oficiais ou particulares, letras de música e poemas;
- **fontes imagéticas:** pinturas, fotografias, caricaturas, filmes e vídeos;
- **fontes orais:** entrevistas, gravações e relatos de pessoas;
- **cultura material:** restos de moradias e de sepulturas, artefatos domésticos, roupas e instrumentos militares.

As fontes históricas guiam a interpretação dos fatos históricos, na medida em que revelam fragmentos do passado. Assim sendo, por mais que alguém considere que as Pirâmides de Gizé foram obras de alienígenas, tal convicção não encontra respaldo nas fontes históricas, por isso não pode ser defendida cientificamente.

As fontes históricas podem ser divididas em duas categorias:

- **Fontes voluntárias:** são produções que intencionam transmitir informações sobre um determinado fato histórico para a posteridade, incluindo memórias e crônicas publicadas. Um exemplo disso seria a obra Guerra do Peloponeso, publicada por Tucídides no século V a.C.
- **Fontes involuntárias:** não possuem a intenção de serem consultadas no futuro, como artefatos funerários, por exemplo.

Atualmente, os historiadores não consideram que as fontes históricas contêm a verdade, mas versões, fragmentos e memórias daqueles que a produziram. O conhecimento histórico é resultado da problematização de fontes diversas, sendo considerados os interesses, ideologias e crenças que possam estar por trás delas.

Para dar um exemplo, não se pode tomar um relato de um cronista português sobre os indígenas encontrados no Brasil como uma descrição verdadeira dos nativos, afinal trata-se de uma leitura carregada de valores e concepções eurocêntricas. Da mesma maneira são as fotografias, que, por mais que pareçam revelar a realidade, são resultados de escolhas e intenções de seus autores.



## 1.2 - Memória e história

Para prosseguirmos, é necessário recorrermos à distinção entre os conceitos de história e memória, formas distintas de acessarmos o passado:

- **História** é a interpretação crítica do passado, a partir de fontes e métodos de pesquisa;
- **memória** é a forma como um indivíduo ou grupo social elaboram suas representações do passado durante o seu presente, o que inclui omissões, apagamentos e recriações intencionais ou involuntárias.

As memórias podem ser utilizadas como fontes para os historiadores, na medida em que revelam valores, crenças e aspectos identitários do indivíduo ou grupo que as sustentam. Cabe destacar que o fato de a memória ser permeada pela subjetividade não a torna menos importante que a História. Elas são fundamentais para a organização dos grupos sociais, expressando suas demandas e suscitando reflexões.

## 1.3 - Negacionismo histórico

Se alguém te dissesse que a Primeira Guerra Mundial na verdade nunca aconteceu, você provavelmente acharia um absurdo, certo? Possuímos diversos documentos escritos, imagens, discursos, testemunhos e diversos outros elementos que não nos deixam dúvida de que se trata de um acontecimento real do passado – ou seja, um fato histórico.

Para os nossos estudos históricos, o problema começa quando a existência de um fato histórico é negada, mesmo que diversos vestígios mostrem o contrário. A isso nós chamamos de negacionismo histórico, sendo o caso mais notório a negação do holocausto judeu – ou seja, do extermínio em massa de judeus pelo Terceiro Reich no contexto da Segunda Guerra Mundial. Segundo os negacionistas, todas as mortes de judeus ocorreram em decorrência do próprio conflito e não de uma perseguição sistemática organizada pelo Estado.

Entre os historiadores, embora possa haver certas divergências sobre como o genocídio ocorreu, ou quantas pessoas foram vitimadas, não se pode negar sua ocorrência. Aqueles que negam o holocausto parecem se guiar por afinidade a grupos neofascistas, ou para desfrutarem de vantagens materiais ao se consagrarem como polemistas. Vale destacar que em muitos países do mundo, o negacionismo do holocausto é uma prática criminosa.

## 1.4 - Para que serve a História?

Durante milênios, historiadores conceberam a História como uma "mestra da vida" (*Magistra Vitae*), depositária de lições valiosas, de maneira que o estudo do passado levaria os homens a evitarem equívocos futuros diante de situações similares. No entanto, sabemos que cada fato histórico é único, o que torna insustentável tal raciocínio atualmente.



Por outro lado, o estudo da História permite que as pessoas conheçam mais sobre si mesmas. Ela mostra que tudo a nossa volta é resultado da ação humana ao longo do tempo, desnaturalizando comportamentos e conjecturas. E, **a cada vez que uma pessoa ou grupo se volta para o passado, é sempre levado em conta sua capacidade de gerar perguntas e reflexões, o que nos auxilia a pensar o presente.**

Um exemplo disso foi a pandemia da Covid-19, quando muitos historiadores e jornalistas se voltaram para a gripe espanhola – nome dado à outra pandemia ocorrida ao final da Primeira Guerra Mundial, em 1918. E, a partir de um fato histórico ocorrido há mais de 100 anos, indagaram-se sobre como a doença alterou o cotidiano das pessoas, qual foi o comportamento adotado pelas autoridades e como a opinião pública reagiu a ela. Embora a gripe espanhola não seja igual à pandemia de 2020, foi possível traçar diversas reflexões sobre o presente à luz do passado.



Figura 1 - O estudo da gripe espanhola de 1918 permitiu a elaboração de reflexões acerca de dilemas vividos pela sociedade no contexto da pandemia da Covid-19. Fonte: Fiocruz

Para finalizar, podemos compreender a História como uma disciplina que ajuda a refletir sobre dilemas contemporâneos, afinal nos faz deparar com experiências humanas diversas ao longo do tempo. Com isso, percebemos que a forma como pensamos questões como corrupção, economia, participação política, cidadania, trabalho, lazer na atualidade não são imutáveis ou universais, afinal diferentes sociedades ao longo do tempo e do espaço elaboraram suas próprias construções.

Se a História nos faz tomar ciência da pluralidade de possibilidades existentes na experiência humana, tudo o que somos, acreditamos e defendemos se torna uma possibilidade, afinal é impossível dizer que algo sempre foi ou nunca foi como concebemos hoje. E esta **consciência histórica** capacita nosso senso crítico para atuarmos sobre a nossa própria realidade, seja para conservar, aprimorar ou transformar suas estruturas. Somos, portanto, sujeitos históricos.



## 2. Vertentes historiográficas

A palavra historiografia vem do grego e significa "aquele que escreve"; "descreve a História". Assim sendo, a historiografia é a "História da História"; o campo de estudo voltado ao conjunto de escritos dos historiadores, considerando suas influências, preocupações, movimentos e conceitos fundamentais. A seguir, serão abordados alguns desses aspectos resumidamente.

### 2.1 - A Escola Metódica ou Positivista<sup>1</sup>

A consolidação da História enquanto campo autônomo ocorreu no século XIX, a partir da profissionalização da disciplina e da institucionalização do conhecimento histórico nas universidades. É neste período que os historiadores **Charles Langlois** e **Charles Seignobos** publicaram um manual intitulado *Introdução aos estudos históricos*, que definia as regras e princípios da escrita da História.

Um dos grandes nomes da produção histórica do período foi **Leopold von Ranke** (1795-1886), que considerava que o objetivo da História não era o de julgar o passado e fornecer instruções em relação ao futuro, mas **mostrar o que realmente aconteceu**. Para tanto, destaca-se como método de pesquisa a análise filológica das fontes primárias (**Crítica Documental**), com o intuito de atestar sua autenticidade e, com isso, conhecer o passado. Naquele período, prevalecia entre os historiadores a ideia de que o **documento deveria dispor de materialidade e caráter oficial** (ou seja, somente os documentos oficiais eram encarados como válidos na produção do saber histórico).

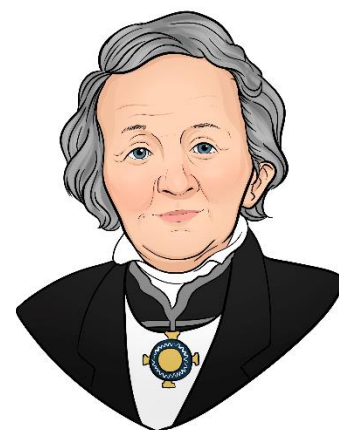


Figura 2 - Leopold von Ranke

A produção dos historiadores metódicos pode ser definida como uma **História dos Eventos**, apresentando grande inclinação à **história política**, as grandes batalhas e grandes lideranças políticas e militares.

Para concluir, cabe destacar que a produção do período coincide com a expansão das instituições escolares na França e em outros países da Europa, na qual a História era considerada uma disciplina capaz de suscitar o nacionalismo, a formação dos futuros cidadãos e o fortalecimento dos Estados modernos.

<sup>1</sup> Embora a Escola Metódica não seja o mesmo que positivismo, muitas questões de concursos públicos consideram os dois nomes válidos para denominar essa corrente metódica.



## 2.2 - Escola dos Annales

Em 1929, os historiadores franceses **Marc Bloch** (1886-1944) e **Lucien Febvre** (1878-1956) fundaram a revista *Annales*, tendo este como primeiro presidente. A partir daí, os dois autores e os demais colaboradores do periódico direcionaram inúmeras críticas à História Metódica, considerada elitista, anedótica, individualista e factual.

Os *Annales* defenderam a passagem de uma *História dos tronos e das dominações para aquela dos povos e das sociedades*, privilegiando a análise das estruturas duráveis, dos comportamentos coletivos, das mentalidades e das características econômicas e sociais verificadas a longo prazo (o que Braudel, outro membro da Escola, chamaria de uma "**história total**", que não se concentrava apenas no político). Em oposição aos metódicos, os fundadores dos *Annales* defendiam a bandeira da "**História-problema**", ou seja, de que as produções apresentassem um viés, interpretativo, problematizado e apoiado em hipóteses.

ESCOLA METÓDICA (POSITIVISTA)	ESCOLA DOS ANNALES
Alguns nomes: Charles Seignobos e Leopold Von Ranke	Fundadores: Marc Bloch e Lucien Febvre
História dos eventos ( <i>évènementielle</i> )	História total
História factual	História-problema
Predomínio do político	Predomínio dos fenômenos "econômico-sócio-mentais"
"História dos tronos e das dominações"	"História dos povos e das sociedades"
Ênfase no tempo curto	Ênfase nas estruturas
Papel do Historiador: mostrar o que realmente aconteceu	Papel do historiador: articulação entre o passado e o presente

Reunido diversos historiadores ao longo de décadas, a Escola dos *Annales* foi um dos mais importantes movimentos historiográficos do século XX, podendo ser dividido em gerações. A primeira delas teria sido a de Marc Bloch e Lucien Febvre, entre 1929 e 1946, na qual se observou a reação ao historicismo e grande ampliação das fontes e dos métodos adotados pela historiografia.

Vejamos algumas das principais obras de Marc Bloch, um dos fundadores dos *Annales*:

- ***Os reis taumaturgos*** (1931): analisa a crença no poder de cura desfrutado pelos reis da França e da Inglaterra durante a Idade Média e no início da Idade Moderna.
- ***A sociedade feudal*** (1939); análise das condições vida, dos grupos sociais, do papel da igreja e de outras características que compõem o feudalismo entre os séculos IX e XIII.
- ***Apologia da história ou o ofício do historiador*** (1949): redigida enquanto o autor integrava Resistência Francesa na Segunda Guerra Mundial, a obra promove reflexões acerca da história enquanto ciência.



## Fernand Braudel e a segunda geração dos Annales (1946-1968)

Principal expoente da segunda geração da **Escola dos Annales**, Fernand Braudel (1902-1985) se opôs à concepção de tempo histórico predominante na História Metódica, a qual considera "prisioneira da curta duração" ao se voltar ao acontecimento.

Para o autor, o passado não pode ser encarado apenas como uma sucessão de fatos miúdos pelo historiador — é preciso se atentar às **estruturas** (ou conjunturas) presentes ao longo de períodos mais extensos, o que permite a análise de ciclos econômicos, crises estruturais, civilizações e até de comportamentos duradouros. Assim sendo, o autor propõe a análise do tempo a partir de três durações:

- **Curta duração:** trata-se do tempo dos indivíduos e da vida cotidiana, também definido pelo autor como o "tempo do cronista, do jornalista". É o tempo dos acontecimentos rápidos e de curta duração. Exemplos: Golpe da Maioridade (1840) e Impeachment de Collor (1992).
- **Média duração:** expressa os ciclos econômicos e sociais ao longo de uma ou mais décadas, sendo concebida por historiadores para a produção de análises econômicas e demográficas.
- **Longa duração:** estruturas observadas ao longo de séculos ou gerações, as quais as mudanças ocorrem mais lentamente.

Partindo da perspectiva da Longa duração, Braudel produziu o clássico **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II**, na qual a região é concebida a partir de aspectos econômicos, políticos e culturais.



Figura 3 - Fernand Braudel



Além da direção de Braudel, a segunda geração dos Annales também contou com a colaboração de Ernest Labrousse (1895-1988); Pierre Goubert (1915-2012); Georges Duby 1919- 1996); Pierre Chaunu (1923- 2009) e Robert Mandrou (1921-1984). Foi um período marcado pela adoção da **longa duração** na maioria dos estudos, bem como pela **busca de uma totalidade do social**.

### A terceira geração (1968-1989) e a Nova História

A substituição de Braudel por **Jacques Le Goff** no comando dos Annales marcou o início da terceira geração dos Annales. Diferentemente dos períodos anteriores, não há uma marca pessoal ou perfil único no período, sendo observadas várias vertentes de estudo — incluindo a **história das mentalidades**, o **retorno da narrativa** e a **nova história política**. As tendências do período ficaram conhecidas como **Nova História**.



Figura 4 - Jacques Le Goff

### As críticas à Nova História

As tendências observadas na Nova História e suas relações com os primórdios da Escola de Annales foram alvo de polêmicas. Em *A história em migalhas*, **François Dosse** questiona a hegemonia e a pulverização da Escola dos Annales em sua terceira geração, que considera afastada da "história-problema" que marcou períodos anteriores. De acordo com o autor, o período é marcado pela perda da capacidade de se estabelecer conexões com o todo (abandono da história total), além da interdisciplinaridade acabar por diluir a História nas demais disciplinas.

**OBSERVAÇÃO:** Alguns especialistas consideram que a Escola dos Annales vivenciou uma quarta geração a partir de 1959, quando Georges Duby, Jacques Revel e outros historiadores contribuíram para um intenso desenvolvimento da História Cultural.



## 2.3 - A historiografia marxista inglesa

Após o término da Segunda Guerra Mundial, o **materialismo histórico** de Karl Marx permaneceu como um campo teórico vigoroso entre a intelectualidade britânica à esquerda. A partir de 1959, Edward Thompson, Stuart Hall, Perry Anderson e outros pensadores passaram a contribuir com as publicações da **New Left Review**, revista que estimulou a formação de grupos de estudos, pesquisas e intensos debates.

Apesar de contarem com objetivos comuns, as divergências em relação a aspectos fundamentais, especialmente às noções de classe e luta de classe, estimularam a intelectualidade marxista a se dividir em pelo menos duas correntes de pensamento:

INTELECTUAIS MARXISTAS ESTRUTURALISTAS	INTELECTUAIS MARXISTAS REVISIONISTAS
Perry Anderson, influenciado pelas ideias de Althusser	Edward Thompson, Eric Hobsbawm e Christopher Hill
Classe social como um elemento indissociável da infraestrutura e da superestrutura	Classe social como um conceito fluido, decorrente das experiências históricas e culturais dos movimentos sociais e coletivos
Considerada excessivamente estruturalista, estática e economicista pelos seus críticos	Considerada culturalista, empirista e pouco teórica pelos seus críticos

Influenciados pelos Annales e pelos diálogos com outras ciências, Edward Thompson, Eric Hobsbawm e Christopher Hill são nomes comumente associados à **História Social Inglesa**, que considerou primordial o desenvolvimento de uma **"história vista de baixo"**, capaz de dar voz aos excluídos da história. Com isso, os autores buscaram a **conciliação entre a práxis política e a pesquisa acadêmica**.



Entre 1946 e 1956 eles se reuniam regularmente e tinham como objetivos contribuir de forma criativa para a teoria marxista e buscar ligação de seus trabalhos de historiadores com a prática política. Parte do esforço do grupo era dirigido a escrever a história do ponto de vista do povo, revivendo as tradições de radicalismos que haviam, ao longo do tempo, desafiado a ordem estabelecida. Seu enfoque iria expandir a ênfase tradicional da historiografia marxista em história econômica para abarcar não só de que viviam as pessoas, mas como também sua mentalidade, seus hábitos, suas esperanças, sua cultura, abrindo espaço para um marxismo cultural riquíssimo que iria marcar as primeiras produções dos estudos culturais.

FACINA, Adriana. Eric J. Hobsbawm (1917-2012). In: PARADA, Maurício (org.). Os historiadores: de Ricoeur a Chartier. Petrópolis, RJ: Vozes: PUC-Rio, 2014. p. 50.



## Edward Thompson e o conceito de experiência

Em 1963, Edward Thompson (1924-1993) publicou *A formação da classe operária inglesa*, na qual buscou resgatar as ações coletivas e as estratégias de resistência populares da Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX, em meio à Revolução Industrial.

Rompendo com o determinismo econômico de análises ortodoxas, que considerava a classe operária uma mera derivação do sistema produtivo, o autor voltou suas atenções aos homens e mulheres que compunham a "gente comum" da Inglaterra, considerando suas ações coletivas como resultado de uma longa formação social, política e cultural. Assim sendo, a **cultura popular** é destacada como um elemento fundamental na compreensão das estratégias adotadas pelos trabalhadores.

Em sua obra, Thompson desenvolveu o conceito de **experiência**, entendido como “resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos interrelacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (THOMPSON, 1981, p. 15). De acordo com o autor, as experiências históricas e culturais da classe trabalhadora inglesa não eram decorrentes apenas da luta de classes, mas das ações culturais, sociais e religiosas, por exemplo.

Assim sendo, em oposição aos marxistas economicistas, Thompson considerou que "**classe é uma formação tão 'econômica' quanto 'cultural'**"; é impossível favorecer um aspecto em detrimento do outro, atribuindo-se uma prioridade teórica" (THOMPSON apud MELO JÚNIOR, 219, p.318).



Figura 5 - Edward Thompson

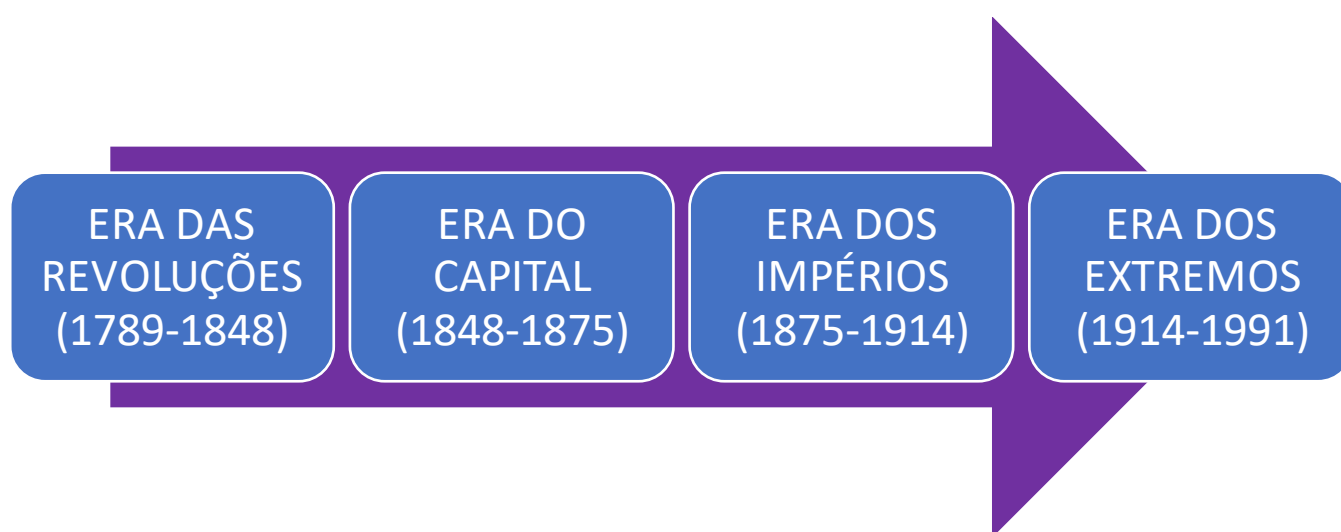


## Eric Hobsbawm e a quadrilogia das Eras

O historiador britânico Eric Hobsbawm (1917-2002) é autor de uma importante quadrilogia sobre a Idade Contemporânea, na qual buscou analisar as "Eras" que a compõem a partir de suas dimensões econômicas, políticas e culturais. Dito isso, convém ressaltar a sua defesa de uma História social totalizante, afastando-se do economicismo predominante em alguns marxistas.

Para Hobsbawm, a Idade Contemporânea e o século XIX se iniciam com uma "dupla revolução": a econômica, impulsionada pela Revolução Industrial, e a política, representada pela Revolução Francesa. Ambos os processos impulsionaram a formação de novos valores, culturas e interações nas sociedades.

A quadrilogia fundamental de Hobsbawm divide a Idade Contemporânea em quatro eras. Vejamos:



Observa-se que a periodização adotada por Hobsbawm não se guia pelas convenções dos calendários, mas pela análise dos processos históricos de cada período (era). Assim sendo, o autor situa a Revolução Francesa (1789) como o início do século XIX, enquanto o século XX só se estenderia entre os anos de 1914 e 1991.

De acordo com o autor, enquanto a primeira Era teria sido marcada por revoluções quase ininterruptas (industrial, francesa, de 1830 e de 1848), na Era do Capital e a Era dos Impérios verificou-se a expansão do capitalismo, do triunfo do capital e de seu domínio global. Finalmente, o "breve século XX" é explicado em a Era dos extremos, sendo destacadas a Revolução Russa de 1917 e a Crise de 1929 como elementos que ameaçaram a continuidade do capitalismo.



Figura 6 - Eric Hobsbawm



Além das obras mencionadas, o autor também conta com outros importantes estudos. Vale a pena conferir a listagem de algumas delas abaixo, na qual estão presentes breve descrições:

TÍTULO DA OBRA	DESCRIÇÃO
História social do Jazz	- Publicado com o pseudônimo de Francis Newton - Jazz como uma criação revolucionária dos negros, que se utilizam do gênero como uma forma de protesto
Nações e nacionalismo desde 1780 A Invenção das tradições	- Busca desmitificar a ideia de nações como fenômenos muito antigos - Ideologia nacionalista como uma construção histórica recente dos Estados - As tradições inventadas tentam estabelecer, por meio de símbolos e ritos, uma continuidade com o passado que legitime as instituições e práticas do presente.
Bandidos	- Banditismo social como um fenômeno presente em diversas sociedades rurais - Forma de protesto e rebelião social - O cangaço no Brasil é contemplado pelo autor
Tempos interessantes	- Autobiografia do autor, que se considera testemunha ocular do século XX



**(CETREDE – Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte/CE – 2019)**

São expoentes da História Social Inglesa.

- a) Michel de Certeau e Roger Chartier.
- b) Robert Darnton e Peter Burke.
- c) Edward Thompson e Eric Hobsbawm.
- d) Moses Finley e Peter Gay.
- e) Christopher Hill e Carl Sandburg.

**Comentários:**

- A alternativa A está incorreta. Roger Chartier integra a chamada História Cultural.
- A alternativa B está incorreta. Darnton e Burke são expoentes da chamada História das Ideias.
- A alternativa C está correta. Thompson e Hobsbawm integram a chamada História Social Inglesa, que buscou o desenvolvimento de uma "história vista de baixo", capaz de dar voz aos excluídos da história.
- A alternativa D está incorreta. Peter Gay é um estudioso da chamada história social das ideias.
- A alternativa E está incorreta. Ao contrário de Hill, Sandburg não integra a História Social Inglesa.

**Gabarito: C.**



## 2.4 - A micro-história

Desenvolvida na década de 1960, a partir dos esforços dos historiadores italianos **Carlo Ginzburg** e **Giovanni Levi**, a micro-história é uma abordagem que propôs uma redução da escala do recorte temporal e espacial dos objetos de estudo, para então promover uma exploração exaustiva das fontes. Assim sendo, o movimento busca a compreensão das relações no nível microanalítico de forma a desvendar uma realidade macro (FERREIRA, FRANCO, 2013, p.62).

Em muitos casos, os estudos da micro-história buscaram a valorização do papel das pessoas comuns nos processos históricos. O principal exemplo disso é a obra *O queijo e os vermes*, de Carlo Ginzburg, que analisou o cotidiano e as ideias do moleiro Menocchio, que viveu no século XVI e foi condenado pela Inquisição.



Figura 7 - Carlo Ginzburg

## 2.5 - O “giro linguístico” e as reflexões sobre a História

Durante os anos 1970, a filosofia e as Ciências Humanas vivenciaram transformações que ficaram conhecidas como “giro linguístico” ou “virada linguística”, estimuladas por teóricos como Judith Butler, Ludwig Wittgenstein e Jacques Derrida. Para os autores que integraram esse novo paradigma, a **linguagem constitui a realidade**, sendo necessário, portanto, maior atenção às questões que a envolvem durante as produções filosóficas e das demais humanidades.



Para exemplificarmos a discussão, tomemos como um exemplo uma caneta. De acordo com os autores, este objeto só existe devido a manipulação de sistemas simbólicos que fazemos, que inclui as convenções de nomes (ou seja, o próprio nome cadeira) e as características que constituem a linguagem.

Partindo dessas reflexões, diversos historiadores passaram a tomar a linguagem e a narrativa como objetos centrais, incluindo os historiadores Hyden White e Lawrence Stone. Outros, como Michel de Certeau, não integram propriamente a vertente linguística, mas são influenciados pelas transformações epistêmico-culturais empreendidas no período. A seguir, abordaremos brevemente as contribuições dos historiadores supracitados.

### Lawrence Stone e o renascimento da narrativa

O historiador inglês Lawrence Stone (1916-1999) é autor do célebre artigo *“O ressurgimento da narrativa”* (1979), no qual considera que os historiadores sempre contaram histórias, até serem combatidos pela Nova História. Contudo, o autor considerou que muitos pesquisadores se encontram voltados ao retorno da narrativa, preocupada com o “o quê” e o “como”, mas que negligenciava o “porquê”. Nas palavras do autor: “se estou certo em meu diagnóstico, o movimento em direção à narrativa por parte dos ‘novos historiadores’ marca o fim de uma era: **o fim da tentativa de criar uma explicação científica coerente sobre a transformação do passado**” (STONE, 1991, p. 32).

O trabalho de Stone provocou reações diversas entre os historiadores. Eric Hobsbawm, por exemplo, considerou que as produções historiográficas não deixaram de explicar as transformações do tempo de maneira coerente, se opondo, portanto, às análises de Stone de que a narrativa dos eventos era tomada como um fim em si mesmo.

### Hayden White e a história como ficção

Um dos historiadores mais polêmicos das últimas décadas, o norte-americano Hayden White (1928-2018) desenvolveu trabalhos que promoviam diálogos entre a história, a sociologia do conhecimento, a filosofia e a literatura.

Em *Meta-história*, sua obra mais conhecida, o autor promoveu uma aproximação entre a história e a literatura ao defender que as narrativas históricas não são científicas, mas ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos. Com isso, não considerava que os eventos históricos eram similares aos enredos das ficções literárias, mas que a escrita de ambos apresenta similaridades. Vejamos:

Nada disso implica que não devemos distinguir a atividade da pesquisa histórica (o estudo pelo historiador de um arquivo contendo informações sobre o passado) da atividade da escrita histórica (a composição pelo historiador de um discurso e sua tradução numa forma escrita). Na fase de pesquisa do seu trabalho, os historiadores estão empenhados em descobrir a verdade sobre o passado e em recuperar informações esquecidas, ou suprimidas, ou obscurecidas, e, é claro, extrair delas todo o sentido que puderem. Mas entre essa fase de pesquisa, que na verdade não se pode distinguir da atividade de um



jornalista ou um detetive, e a conclusão de uma história escrita, é preciso realizar várias operações transformadoras importantes, nas quais o aspecto figurativo do pensamento do historiador é mais intensificado do que diminuído.

WHITE, Hayden. Teoria da História e escrita da História. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 13, 1994. p. 29.

De acordo com o autor, o discurso historiográfico é estruturado a partir dos **tropos**, espécies de figuras de linguagem (metáfora, metonímia, sinédoque e ironia) que contribuem para a organização e significação dos dados operados pelo historiador. Em outras palavras, os tropos constituem a estrutura que organiza os dados do passado em uma forma linguística coerente e inteligível, com o intuito de dar significado ao seu objeto. Para tanto, White destaca que a construção da narrativa envolve estratégias baseadas em três modalidades: **estética** (elaboração de enredo), **epistêmica** (argumentação formal) e **política** (elemento ideológico).



Figura 8 - Hyden White

## Michel de Certeau e a operação historiográfica

Em *A escrita da história*, Michel de Certeau considera a **história como uma fabricação**, o que o motiva a tecer reflexões acerca do discurso historiográfico pelo historiador em seu ofício. O conceito fundamental de sua obra é a **operação historiográfica**, aqui considerada como um espaço intermediário entre a linguagem de ontem e a contemporânea.



Para Certeau, a operação historiográfica seria composta por três etapas de produção. Vejamos:

A história deve ser encarada como uma operação. Isso significa, em princípio, que ela deve ser compreendida como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). Esse tipo de percepção é fundamental, pois nos leva a admitir que ela faz parte da realidade da qual trata e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática". Para Certeau, portanto, a operação histórica se refere à: combinação de um lugar social, determinadas práticas ou procedimentos técnicos e, por fim, a escrita. A análise desses elementos (dos quais o discurso não fala) permite o autor dar contornos às leis que organizam o espaço produzido como texto.

MIRANDA JÚNIOR, Robson Freitas de. A história como "logos do outro": Michel de Certeau e a operação historiográfica. *Temporalidades – Revista de História*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 98-122, 2019.

## 2.6 – A História Cultural

A História Cultural é um campo historiográfico que apresentou grande vigor a partir das últimas décadas do século XX, sendo alimentado pelos diálogos com a Antropologia e pela ampliação do conceito de cultura. Vejamos o panorama traçado pelo historiador José D'Assunção Barros:

As noções que se acoplam mais habitualmente à de 'cultura' para constituir um universo de abrangência da História Cultural são as de **linguagem' (ou comunicação), 'representações', e de 'práticas'** (práticas culturais, realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as 'práticas discursivas' como as 'práticas não-discursivas'). Para além disto, a tendência nas ciências humanas de hoje é muito mais a de falar em uma 'pluralidade de culturas' do que em uma única cultura tomada de forma generalizada. Em nosso caso, como estamos empregando a História Cultural como um dos enfoques possíveis para o historiador que se depara com uma realidade social a ser decifrada, utilizaremos em algumas ocasiões a expressão empregada no singular como ordenadora desta dimensão complexa da vida humana. Trata-se no entanto de uma dimensão múltipla, plural, complexa, e que pode gerar diversas aproximações diferenciadas.

BARROS, José D'Assunção. "História Cultural e História das Idéias – diálogos historiográficos" in 'Cultura. Revista de História e Teoria das Idéias' (Revista do Centro de Cultura, Faculdades de Ciências Sociais e Humanas – Lisboa, Portugal), março de 2006, p.147.

## 2.7 - A Nova História Política

Na obra *Por uma história política*, o historiador francês **René Rémond** identificou uma renovação na história política a partir dos anos 1970, estimulada tanto pela rediscussão de temas clássicos e das práticas tradicionais quanto pelos diálogos com a História Cultural e com outras disciplinas.



Assim sendo, a chamada nova história política é marcada pela adoção de novos métodos e abordagens sobre temas tradicionais, como guerras, partidos e eleições; mas também pelo surgimento de novos objetos, como a opinião pública, a mídia e o discurso.



Figura 9 - René Rémond

## 2.8 – A História Oral

A História oral é um **método** baseado na coleta de testemunhos, em vídeo ou em áudio, sendo muito utilizado por pesquisas que abordam a história recente. A partir dele, é possível estudar as vivências, histórias de vida, discursos, usos políticos do passado, entre outras abordagens.

No Brasil, o grande marco consolidador dessa metodologia foi o **Programa de História Oral (PHO) da FGV/CPDOC**, que passou a produzir um dos maiores acervos de entrevista do Brasil a partir de 1975. Embora inicialmente os esforços da História Oral estivessem voltados à **história das elites**, a partir da coleta de depoimentos de políticos e outras figuras de poder, diversos trabalhos passaram a se utilizar do método para recuperar as **memórias e experiências** de grupos historicamente invisibilizados, incluindo quilombolas, povos indígenas, e trabalhadores.

## 3. Reflexões sobre o tempo histórico

Como os historiadores podem conceber o tempo histórico? A seguir, veremos algumas das principais reflexões sobre o tema.



### 3.1 - A experiência e a expectativa segundo Reinhart Koselleck

Aclamado nome da chamada história dos conceitos, o historiador alemão Reinhart Koselleck (1923-2006) é autor da obra *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos* (2003), na qual considera que a forma como a humanidade lida com as temporalidades — passado, presente e futuro — mostra-se variável em diferentes épocas e sociedades, podendo ser alteradas, contraídas, expandidas; a depender da maneira como são sentidas e pensadas.

Koselleck considera as sociedades diferentes épocas elaboraram, no seu Presente, um entrelaçamento entre as noções de Futuro e Passado. Neste processo, o autor identifica a tensão existente entre duas categorias: o **espaço de experiência** e **horizonte de expectativa**. Para facilitar a explicação desses conceitos, vejamos o esquema a seguir:



- **Espaço de experiência:** constitui o conjunto elementos do Passado que se concretizam no presente ("Passado Presente"), a partir das fontes históricas, das memórias e de outros vestígios. No esboço fornecido pelo autor, o espaço de experiência é representado como um semicírculo, destacando que aquilo que se encontra fora dele corresponde ao Passado incognoscível, que não deixou vestígios.
- **Horizonte de expectativa:** constitui o "Futuro Presente", ou seja, a projeção que se faz no presente sobre o porvir. Para indicar que o futuro não pode ser efetivamente contemplado, é representado no esquema koselleckiano como uma linha.

Para compreender espaço de experiência e horizonte de expectativa como categorias complementares, Koselleck fornece um exemplo bastante esclarecedor:

Podemos citar um exemplo simples: a experiência da execução de Carlos I abriu, mais de um século depois, o horizonte de expectativas de Turgot, quando ele insistiu com Luís XVI



que realizasse as reformas que o haveriam de preservar de um destino semelhante. O alerta de Turgot ao rei não encontrou eco. Mas entre a Revolução Inglesa Passada e a Revolução Francesa futura foi possível descobrir e experimentar uma relação temporal que ia além da mera cronologia. A história concreta amadurece em meio a determinadas experiências e determinadas expectativas.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 308-309.

Partindo de seus conceitos fundamentais, Koselleck destaca o Presente como um momento absolutamente efêmero na contemporaneidade, pois, quando o Futuro se torna conhecido (ou seja, torna-se Presente), ele imediatamente passa a fazer parte do "espaço de experiência" de um determinado contexto. Porém, conforme já destacado anteriormente, em outras sociedades e épocas as relações entre as temporalidades ocorrem de modos e ritmos distintos.

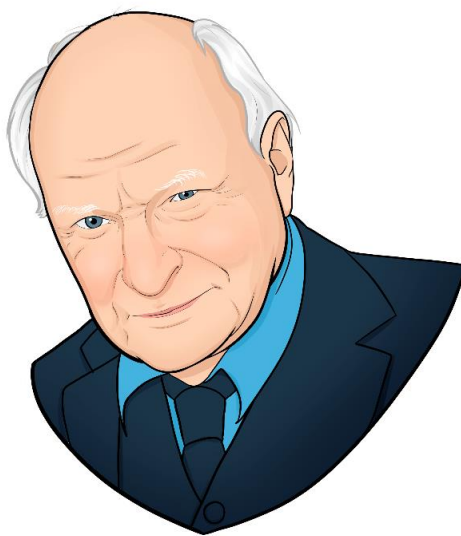


Figura 10 - Reinhart Koselleck

### 3.2. - François Hartog e os regimes de historicidade

Em 2003, o historiador francês **François Hartog** publicou a obra *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*, que encontrou receptividade considerável entre estudiosos da Teoria da História. O trabalho desenvolveu dois conceitos importantes:



- **Regimes de historicidade:** trata-se de uma **categoria de análise histórica**<sup>2</sup>, desenvolvido pelo autor a partir do seu contato com os trabalhos de Reinhart Koselleck e do antropólogo Marshall Sahlins. Em sua perspectiva, as sociedades desenvolveram formas específicas de lidar com o tempo — passado, o presente e o futuro —, estabelecendo diferentes articulações e sentidos a cada uma dessas categorias. Assim sendo, o regime de historicidade surge como uma **ferramenta** que auxilia o historiador na compreensão dessas experiências, sobretudo em seus momentos de crise.
- **Presentismo:** neologismo utilizado por Hartog para definir a forma como boa parte das sociedades ocidentais lidam com o tempo na contemporaneidade, na qual se observa a "**tiranía do instante**", ou seja, a hipertrofia do presente em relação ao passado, esquecido ou demasiadamente lembrado, e ao futuro, considerado obscuro e ameaçador. O autor propõe o regime de historicidade como ferramenta de análise desse fenômeno.



Figura 11 - François Hartog.

### 3.3. - Paul Ricœur e o terceiro-tempo

Em *Tempo e Narrativa*, o historiador francês Paul Ricœur (1913-2005) retoma reflexões acerca das temporalidades ao longo da História da Filosofia, especialmente os trabalhos de Aristóteles, que concebe o tempo como o movimento dos corpos (concepção cosmológica), e de Santo Agostino, que destaca considera o tempo atrelado à alma (concepção psicológica).

---

<sup>2</sup> Trata-se de uma ferramenta heurística, ou seja, uma categoria intelectual utilizada pelo historiador para o estudo do tempo.



De acordo com Ricœur, o historiador contribui para a produção de um tempo mediador entre a natureza (tempo cósmico) e a consciência (tempo vivido): o tempo histórico. Neste "terceiro-tempo" verifica-se a utilização de certos procedimentos que contribuem para a conexão entre os demais, como é o caso do calendário, os arquivos e a ideia de sucessão das gerações.



*Figura 12 - Paul Ricœur*

## 4. Introdução à Historiografia Brasileira

Nesta sessão serão abordados os primórdios da produção historiográfica no Brasil, com destaque para os historiadores situados entre meados do século XIX e a década de 1930.



## 4.1 - Historiografia e Nacionalidade no Século XIX

O século XIX ficou conhecido como a “era dos nacionalismos”, afinal muitos Estados se dispuseram à criação de uma ideia de nação, pautada na formulação de uma história oficial; pela seleção de um panteão de heróis da pátria; pela criação de símbolos e ritos e pela valorização da unidade linguística em seus limites territoriais. No Brasil, pode-se considerar o Segundo Reinado como um momento-chave na elaboração do primeiro projeto de identidade nacional.

Uma das instituições de destaque na construção identitária foi o **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)**, fundado em 1838 pelas elites econômicas e literárias cariocas. Contando com o apoio pessoal e financeiro de D. Pedro II, que chegou a presidir sessões da instituição, o IHGB pretendeu elaborar uma história do Brasil a partir de grandes vultos e personalidades, tendo como ponto de partida a **idealização do indígena** como símbolo maior da brasilidade (**indianismo**). A linguagem adotada pelos intelectuais vinculados ao órgão foi o **romantismo literário**, que forja um passado por meio de romances épicos, marcados por indígenas heroicos, amores impossíveis e a floresta virgem como cenário<sup>3</sup>. Contribuíram de maneira decisiva para isso autores como Gonçalves Dias e **José de Alencar**, cujas produções ficaram restritas à pequena camada de letrados do país.

Em 1840, pouco tempo depois de sua criação, o IHGB promoveu um concurso para dar início à escrita da história do país, vencido pelo naturalista alemão Carl Phillip von Martius. Intitulado **Como se deve escrever a história do Brasil**, seu artigo propunha a explicação da formação nacional a partir de uma junção metafórica de três rios, que representavam as culturas indígena, europeia e a africana. **Von Martius** descrevia a contribuição dos lusos como um “poderoso rio”, capaz de prevalecer sobre os demais, a ponto de reconhecer a história do Brasil como “a história de um ramo dos portugueses”, que adquire contornos próprios quando considerada a influência dos demais povos.

Corroborando com a tese do autor alemão, produções historiográficas posteriores valorizaram a imagem do Brasil formado pelo encontro entre o português e o indígena, prevalecendo a narrativa de fatos ligados ao primeiro devido ao completo desconhecimento dos povos ameríndios que habitavam o território.

Já a contribuição cultural do elemento africano, predominante na população, foi ignorado por ser considerado inferior e danoso à formação nacional. A **mestiçagem** entre as “três raças” era o ponto inicial de explicação da identidade nacional da maioria dos intelectuais do Segundo Reinado e da Primeira República, mas sempre encarada como pessimismo, na medida em que contribuía para a degenerescência do povo brasileiro. Mesmo entre aqueles que acreditavam que a miscigenação contribuiria para a prevalência dos aspectos da raça superior – no caso, a branca –, demonstrava-se grande preocupação diante da demora para que ocorresse tal processo.

---

<sup>3</sup>SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador*: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 131.



## Adolfo Varnhagen

Por vezes chamado de "**Heródoto brasileiro**", Francisco de Adolfo de Varnhagen (1816-1878) foi um dos primeiros historiadores brasileiros a desenvolver pesquisas em arquivos europeus, além de incorporar e aprimorar o método crítico dos historiadores de seu tempo.

Em meados do século XIX, Varnhagen publicou *História geral do Brasil*, na qual considera o Brasil como "português", valorizando as contribuições coloniais de Portugal e desconsiderando as tradições e mobilizações de indígenas, negros e mestiços. Trata-se, portanto, de uma visão elitista da História, que legitima a dominação colonial, o protagonismo da monarquia e o predomínio das elites políticas.

Podemos considerar a produção de Varnhagen alinhada aos esforços do IHGB, contribuindo para a **construção de uma identidade nacional para as elites e para a consolidação do poder monárquico**. De fato, o próprio imperador ofereceu recursos para o historiador durante os seus estudos.

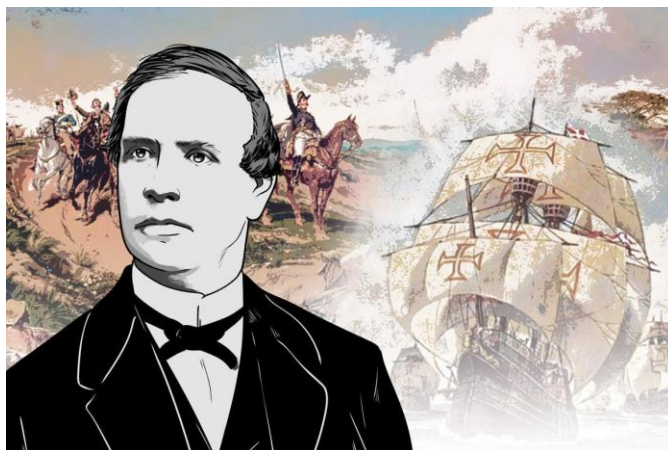


Figura 13 - Francisco de Adolfo de Varnhagen

## 4.2 - Capistrano de Abreu e a “redescoberta do Brasil”

Em *Capítulos de História Colonial*, Capistrano de Abreu (1853-1927) promove um afastamento das considerações de Varnhagen, voltando suas atenções ao povo e sua constituição étnica. Na obra, verifica-se a valorização do povo brasileiro, suas lutas, costumes, miscigenação e da natureza. De acordo com o historiador José Carlos Reis, o autor promove um redescobrimto do Brasil ao adotar uma postura antiportuguesa, antirreino e antieuropeia. Vejamos:

Faz uma história social e econômica do povo, sua vida, alimentação, tipos étnicos, condições geográficas, os caminhos, povoamentos, modos de viver, formas psicológicas, profissões, divertimentos, costumes, crenças diferenças sociais, comércio, vida urbana e rural... Sobretudo, ele identifica esse povo, que no período colonial e mesmo imperial não sabe bem o que é, e o que faz e deveria fazer. Ele revela o processo de constituição da diferença entre o projeto colonizador e o novo interesse e sentimento que se formaram gradualmente, o interesse e sentimento "brasileiros".



REIS, José Carlos. Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 97.



Figura 14 - Capistrano de Abreu

### 4.3 - Gilberto Freyre e o mito da democracia racial

Autor de *Casa-grande & senzala*, *Sobrados & mocambos* e *Ordem & progresso*, Gilberto Freyre é um dos mais importantes pensadores da identidade brasileira. Sua obra é muito influenciada pelos estudos do antropólogo Franz Boas, o que contribuiu para que sua leitura do Brasil não seja tão baseada na ideia de raça, mas nas culturas que contribuíram para a formação do nosso povo.

Adotando um estilo de escrita oral e quase coloquial, Freyre inovou ao fazer, no mesmo período que os Annales, uma história do cotidiano e das mentalidades coletivas, se utilizando de fontes até então desconsideradas pelos historiadores (receitas, brincadeiras, expressões religiosas, fotografias etc.).

Em *Casa-grande & senzala*, a **colonização portuguesa é descrita como elogiosa e idealizada**, a partir da **constituição da família patriarcal** que caracterizou os engenhos açucareiros do Nordeste, baseada na escravidão de negros e indígenas. Freyre considera que o êxito da colonização portuguesa decorreu da predisposição dos lusos à **mestiçagem**, o que resultou na formação de uma sociedade híbrida e original, a partir das contribuições culturais de portugueses, indígenas e africanos.

Freyre descreve a colonização brasileira como um **"equilíbrio de antagonismos"**: ainda que o poder senhorial português tenha prevalecido sobre os escravizados africanos, estes também teriam contribuído para a colonização com seus saberes, técnicas e tradições. Assim sendo, o autor foi um dos primeiros intelectuais a promover a **valorização das contribuições culturais afro-brasileiras**.

A ideia de um Brasil marcado pela mestiçagem cultural contribuiu para que Freyre e outros intelectuais dos anos 1930 sugerissem a existência de uma **"democracia racial"** no Brasil, afinal todos os brasileiros seriam culturalmente mestiçados. A tese foi ao encontro do projeto nacionalista articulado por



Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937-1945), que chegou a instituir o Dia da Raça como uma de suas principais comemorações. Porém, diversos contemporâneos e críticos posteriores questionaram o **mito da democracia racial**, tendo em vista a persistência do racismo na sociedade brasileira.



Figura 15 - Gilberto Freyre

#### 4.4. Sérgio Buarque de Holanda e o homem cordial

Na obra "Raízes do Brasil", Sérgio Buarque de Holanda adota uma linha de análise baseada na sociologia de Max Weber, identificando a persistência das mesmas estruturas no Brasil desde o período colonial. Segundo ele, a permanência desses elementos, incluindo o **patriarcalismo** e de uma organização política de natureza **patrimonialista e autoritária**, seriam os principais empecilhos para a modernização.

Um dos principais conceitos do autor é a ideia de que o brasileiro seria um "**homem cordial**", avesso aos ritualismos e desejoso de estabelecer intimidade nas relações de toda natureza. Porém, essa "ética de fundo emotivo" sugerida pelo autor não indica que o brasileiro seria necessariamente pacífico e amigável, mas alguém que age com o coração. Vejamos:

Essa cordialidade, estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 205.





Figura 16 - Sérgio Buarque de Holanda

#### 4.5. Caio Prado Jr.

Em 1942, Caio Prado Jr. publicou a obra *Formação do Brasil Contemporâneo*, na qual caracteriza o Brasil pela sua ausência de rupturas com as formas políticas e econômicas que moldaram a sociedade brasileira. **Marxista, o autor defende uma ruptura radical (revolução)** como a única saída para superar o cenário de miséria e dependência.



Figura 17 - Caio Prado Jr.



## 5. Lista de Questões

### 1. (CETREDE – Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte/CE – 2019)

São expoentes da História Social Inglesa.

- a) Michel de Certeau e Roger Chartier.
- b) Robert Darnton e Peter Burke.
- c) Edward Thompson e Eric Hobsbawm.
- d) Moses Finley e Peter Gay.
- e) Christopher Hill e Carl Sandburg.

### 2. (FAUEL – Prefeitura Municipal de Maringá/PR – 2019)

Uma das propostas do historiador Edward Thompson é examinar a cultura e a sociedade a partir de uma perspectiva popular, marginal, incomum, não-oficial, baseada nas classes oprimidas. A esse respeito, marque a alternativa que melhor expressa o conceito utilizado por Thompson para definir essa perspectiva.

- a) Micro-história.
- b) História em migalhas.
- c) Pós-modernidade.
- d) História vista de baixo.

### 3. (CONTEMAX – Prefeitura Municipal de Orobó/PE – 2019)

A Nova Esquerda Inglesa surgiu em 1956, com historiadores britânicos vinculados ao Partido Comunista Inglês que, descontentes com o regime stalinista, romperam com o partido e acabaram por influenciar fortemente a historiografia britânica. São expoentes dessa escola historiográfica:

- a) Michel de Certeau, Roger Chartier, Jean Clair e Victor Cousin
- b) Bernard Cottret, Bernard Lepetit, Alain Besançon e André Burguière.
- c) Marc Ferro, Lucien Febvre, François Furet e René Girard.



d) Jacques Le Goff, Peter Burke, Pierre Nora, Reynald Abad e Paul Allard.

e) Raymond Williams, Eric Hobsbawn, Christopher Hill, Perry Anderson, Maurice Dobb e Edward Thompson.

#### 4. (VUNESP – Prefeitura Municipal de Cerquillo/SP – 2019)

Poucos historiadores hoje vivos são tão originais e poucos escrevem tão bem quanto ele e ainda menos compartilham de sua notável amplitude de interesses. Seu primeiro livro, *Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII* (1966), publicado quando tinha 27 anos de idade, já foi um trabalho extremamente polêmico e inovador. Foi, no entanto, *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição* (1976), o estudo da cosmologia de um moleiro do século XVI (também interrogado pela inquisição sob a acusação de heresia), que tornou esse historiador internacionalmente famoso.

(Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. *As muitas faces da história. Nove entrevistas*. Adaptado)

O excerto faz referência ao historiador

- a) Giovanni Levi.
- b) Carlo Ginzburg.
- c) François Dosse.
- d) Maurice Agulhon.
- e) Vincenzo Ferrone.

#### 5. (IMA – Prefeitura Municipal de Paço do Lumiar/MA – 2018)

Peter Burke discute a possibilidade de uma nova forma de escrever história, propondo-se a analisar as diferenças entre as narrativas da historiografia contemporânea, constatando que a narrativa histórica, em um sentido bem restrito, está realizando uma espécie de retorno ao relato. Assim, sobre a escala de observação de seus objetos na pesquisa histórica e as técnicas e metodologias de pesquisa, esse mesmo autor destaca quatro tendências e menciona:

“É a narração de uma história sobre as pessoas comuns no local em que estão instaladas” - *Escrita da História*, p.341.

Portanto, como base no trecho, qual tendência esse autor menciona para a construção das narrativas históricas?

- a) História Social.



- b) História Estrutural.
- c) História Cultural.
- d) Micro História.

#### 6. (UEPENET/IAUPE – Prefeitura Municipal de Bom Conselho/PE - 2022)

Consideramos que, embora o debate das relações entre a História e o ficcional já tenha avançado bastante e que muitos preconceitos tenham sido derrubados, ainda há muito o que se discutir sobre os contatos – e distanciamentos – entre estas duas formas de compreender o mundo, e que, sem dúvida, ainda há diversos outros preconceitos, principalmente no que toca ao ponto do ficcional, a serem combatidos.

(O FINGIR HISTORIOGRÁFICO: A ESCRITA DA HISTÓRIA ENTRE A CIÊNCIA E A FICÇÃO – GOMES, Warley Alves.)

Destes teóricos relacionados abaixo, qual deles NÃO considera a história uma ciência, mas sim um ramo da literatura?

- a) Michel De Certeau
- b) Hayden White
- c) Roger Chartier
- d) Jorn Husen
- e) Reinhart Koselleck

#### 7. (AOCP – Prefeitura Municipal de Seropédica/RJ – 2013)

Assinale a alternativa correta para definir algumas correntes do pensamento historiográfico.

- a) Positivista – fundamentada na filosofia de August Comte, tem como adepto os historiadores Éric Hobsbawm e Seignobos.
- b) Marxista – fundamentada na luta de classes; tem como seguidores os historiadores E.P. Thompson e Karl Marx.
- c) Nova História – promoveu a revolução documental e defendeu uma história livre de engajamentos.
- d) História Cultural – bastante praticada nos dias de hoje, mas não existe uniformidade entre seus praticantes.



e) Pós-Modernista – influenciada por Hayden White e a virada linguística, prima por uma história objetiva.

### 8. (UFMT – Prefeitura Municipal de Campo Novo do Parecis/MT – 2019)

Por volta dos anos 1970, o campo historiográfico foi impactado pelo que ficou conhecido como “giro linguístico” nas ciências humanas. A obra de Hayden White intitulada “A Meta-História” e o artigo de Lawrence Stone “O retorno da narrativa” são exemplos da repercussão do “giro linguístico” no conhecimento histórico. Qual é a principal crítica feita nesse momento à forma como era escrita a história?

- a) A escrita da história baseada na narrativa dos feitos e glórias dos grandes heróis do passado.
- b) A inexistência de um regime de verdade objetivo na História.
- c) A pouca importância das questões relativas à linguagem na produção do conhecimento histórico.
- d) A superação da dicotomia individual-coletivo no sentido de uma história preocupada com os processos econômicos e sociais.

### 9. (CESGRANRIO – SEEC-RN – Professor de História – 2011)

Em nossas áreas [de ciências humanas e sociais], o ideal era que houvesse linguagens distintas, mais especializada nas revistas, mais acessível nos livros. Poder-se-ia acrescentar ainda um terceiro meio, o artigo de jornal, que requer linguagem ainda mais destravada e acessível. A maioria dos historiadores usa o mesmo estilo pesado nos três casos, confundindo-o com profundidade. Depois reclama que não há leitores para livros de História, quando os há aos milhares para as obras de Eduardo Bueno e para as biografias escritas por jornalistas. O fato é que escrevemos mal e o leitor não especializado refuga. Das duas uma, ou se renuncia a ser lido fora da tribo acadêmica ou se procura melhorar a escrita. Pessoalmente, acho que o historiador não deve fechar-se no gueto acadêmico. Prefiro escrever sem jargão e correr o risco de ser chamado de ensaísta a esconder o resultado das pesquisas do público não especializado. Todos gostam de boas histórias, não há por que não gostarem também de boa História.

MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. José Murilo de Carvalho. In: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio (orgs.). Conversas com historiadores brasileiros. São Paulo: Ed. 34, 2002, p. 175.

A recente reflexão metodológica sobre as formas de escrita da história não se restringe à preocupação com o estilo adequado para cada público. Ela vincula-se também ao “renascimento da narrativa”, alardeado por

- a) Lucien Febvre, que privilegiou a “história dos acontecimentos” em detrimento da história das estruturas.
- b) Fernand Braudel, que foi figura central da 2ª geração da “escola dos Annales”.
- c) Lawrence Stone, que contribuiu para tornar a narrativa histórica tema de debate.



- d) Eric Hobsbawm, que reconheceu o equívoco de uma história de inspiração marxista para a compreensão do mundo atual.
- e) Hayden White, que provocou enérgicas reações dos historiadores ao negar o caráter literário da escrita da História.

#### 10. (CETREDE – Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte/CE – 2019)

Lugar, prática e escrita são etapas da produção do conhecimento histórico denominada por Michel de Certeau como:

- a) crítica histórica.
- b) narrativa histórica.
- c) imaginário histórico.
- d) operação historiográfica.
- e) epistemologia da História.

#### 11. (UPENET/IAUPE – Prefeitura Municipal de Bom Conselho/PE – 2022)

“A Micro-História é um campo relativamente recente na Historiografia, e ainda hoje gera muitas polêmicas com relação às suas possibilidades de definição. Uma questão complicadora é que a Micro-História começou a desabrochar com um grupo muito específico de historiadores italianos, que tem até os dias de hoje publicação própria (os Quaderni storici) e por isso não é raro que se confunda a Micro-História – enquanto nova possibilidade de abordagem historiográfica – com este grupo.”

(SOBRE A FEITURA DA MICRO-HISTÓRIA – BARROS, José D’Assunção).

Uma das características dos fundadores dos “Quaderni Storici” é a ampla defesa feita sobre a cientificidade da história produzida dentro das universidades.

Qual dos historiadores abaixo representa o grupo de italianos idealizadores da empreitada microhistoriográfica?

- a) Paul Veyne
- b) Antonio Gramsci
- c) Carlo Ginzburg



- d) Marc Bloch
- e) Domenico Di Masi

## 12. (FEPESE – XXX/MT – 2019)

Leia com atenção o texto a seguir.

A ..... é um gênero historiográfico surgido na Itália e que envolve uma proposta de análise histórica centrada numa delimitação temática extremamente específica por parte do historiador, tanto em termos de espaço como de tempo. Sugere-se uma escala de observação reduzida e a análise deve ser desenvolvida a partir de uma exploração exaustiva das fontes, envolvendo a descrição etnográfica e buscando uma narrativa histórica com cuidados literários, mas profundamente enraizada nas fontes. Contempla temáticas ligadas ao cotidiano das comunidades. Entre os principais representantes dessa corrente destacam-se Carlo Ginzburg e .....

Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do texto.

- a) micro-história • Giovanni Levi
- b) história oral • Marieta Moraes
- c) história do trabalho • Vitorio Foa
- d) história em migalha • Giulio Einaudi
- e) história do cotidiano • Petro Marcenaro

## 13. (CETREDE – Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte/CE – 2019)

São categorias históricas estudadas por Reinhart Koselleck em sua obra *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*:

- a) Espaço de Experiência e Horizonte de Expectativa.
- b) Espaço de Experiência e Representação.
- c) Paradigma Indiciário e Horizonte de Expectativa.



d) Representação e Mentalidades.

e) Mentalidades e Paradigma Indiciário.

#### 14. (UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso/MT – 2019)

“A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada numa experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltando para o ainda não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto.”

(KOSELLECK, R. Futuro passado. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio: Contraponto, 2006.)

O historiador alemão Reinhart Koselleck pensa o tempo histórico a partir do par analítico “espaço da experiência” e “horizonte de expectativa”. Na perspectiva do autor, como é identificado esse par analítico?

a) Estruturas mentais

b) Silogismos aristotélicos

c) Conceitos metodológicos

d) Categorias formais

#### 15. (UFMT – Prefeitura Municipal de Campo Novo do Parecis/MT – 2019)

François Hartog, no início do século XXI, propôs o conceito de regime de historicidade para pensar o problema do tempo histórico como uma tentativa de trazer para o campo historiográfico essa discussão. Qual alternativa resume o conceito de regime de historicidade?

a) Uma realidade concreta que se apresenta ao historiador, que deve registrar sua factualidade.

b) Uma categoria formal de matriz kantiano para entender a dimensão metafísica do tempo

c) Uma noção empírica que possui como objetivo central a capacidade de apreensão de uma realidade histórica dada.

d) Um artefato teórico capaz de compreender a maneira como uma sociedade articula passado, presente e futuro.



## 6. Gabarito

GABARITO



1. C

2. D

3. E

4. B

5. D

6. B

7. D

8. C

9. C

10. C

11. C

12. A

13. A

14. D

15. D



## 7. Lista de Questões

### 1. (CETREDE – Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte/CE – 2019)

São expoentes da História Social Inglesa.

- a) Michel de Certeau e Roger Chartier.
- b) Robert Darnton e Peter Burke.
- c) Edward Thompson e Eric Hobsbawm.
- d) Moses Finley e Peter Gay.
- e) Christopher Hill e Carl Sandburg.

#### Comentários

A **alternativa A** está incorreta. Roger Chartier integra a chamada História Cultural.

A **alternativa B** está incorreta. Darnton e Burke são expoentes da chamada História das Ideias.

A **alternativa C** está correta. Thompson e Hobsbawm integram a chamada História Social Inglesa, que buscou o desenvolvimento de uma "história vista de baixo", capaz de dar voz aos excluídos da história.

A **alternativa D** está incorreta. Peter Gay é um estudioso da chamada história social das ideias.

A **alternativa E** está incorreta. Ao contrário de Hill, Sandburg não integra a História Social Inglesa.

#### Gabarito: C

### 2. (FAUEL – Prefeitura Municipal de Maringá/PR – 2019)

Uma das propostas do historiador Edward Thompson é examinar a cultura e a sociedade a partir de uma perspectiva popular, marginal, incomum, não-oficial, baseada nas classes oprimidas. A esse respeito, marque a alternativa que melhor expressa o conceito utilizado por Thompson para definir essa perspectiva.

- a) Micro-história.
- b) História em migalhas.
- c) Pós-modernidade.



d) História vista de baixo.

### Comentários

- A **alternativa A** está incorreta. A micro-história é uma metodologia da ciência histórica que foi desenvolvida a partir da década de 1980, a partir dos esforços de Giovanni Levi e Carlo Ginzburg.
- A **alternativa B** está incorreta. O termo "história em migalhas" é utilizado pelo historiador François Dosse para tecer críticas à abordagem historiográfica da terceira geração dos Annales (Nouvelle Histoire), que considera ser marcada pelo abandono da pesquisa globalizante.
- A **alternativa C** está incorreta. Pós-modernidade é um conceito utilizado para definir mudanças sociais, culturais, artísticas, estéticas e intelectuais após a Segunda Guerra Mundial.
- A **alternativa D** está correta. Partindo da defesa de uma "história vista de baixo", capaz de dar voz aos excluídos da história, Edward Thompson buscou resgatar as ações coletivas e as estratégias de resistência populares da Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX, em meio à Revolução Industrial.

**Gabarito: D**

### 3. (CONTEMAX – Prefeitura Municipal de Orobó/PE – 2019)

A Nova Esquerda Inglesa surgiu em 1956, com historiadores britânicos vinculados ao Partido Comunista Inglês que, descontentes com o regime stalinista, romperam com o partido e acabaram por influenciar fortemente a historiografia britânica. São expoentes dessa escola historiográfica:

- a) Michel de Certeau, Roger Chartier, Jean Clair e Victor Cousin
- b) Bernard Cottret, Bernard Lepetit, Alain Besançon e André Burguière.
- c) Marc Ferro, Lucien Febvre, François Furet e René Girard.
- d) Jacques Le Goff, Peter Burke, Pierre Nora, Reynald Abad e Paul Allard.
- e) Raymond Williams, Eric Hobsbawn, Christopher Hill, Perry Anderson, Maurice Dobb e Edward Thompson.

### Comentários

A **alternativa E** é a resposta. Após o término da Segunda Guerra Mundial, o materialismo histórico de Karl Marx permaneceu como um campo teórico vigoroso entre a intelectualidade britânica à esquerda. Pensadores como Edward Thompson, Stuart Hall, Perry Anderson passaram a contribuir com as publicações da *New Left Review*, revista que estimulou a formação de grupos de estudos, pesquisas e intensos debates.

**Gabarito: E**



#### 4. (VUNESP – Prefeitura Municipal de Cerquillo/SP – 2019)

Poucos historiadores hoje vivos são tão originais e poucos escrevem tão bem quanto ele e ainda menos compartilham de sua notável amplitude de interesses. Seu primeiro livro, *Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII* (1966), publicado quando tinha 27 anos de idade, já foi um trabalho extremamente polêmico e inovador. Foi, no entanto, *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição* (1976), o estudo da cosmologia de um moleiro do século XVI (também interrogado pela inquisição sob a acusação de heresia), que tornou esse historiador internacionalmente famoso.

(Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. *As muitas faces da história. Nove entrevistas*. Adaptado)

O excerto faz referência ao historiador

- a) Giovanni Levi.
- b) Carlo Ginzburg.
- c) François Dosse.
- d) Maurice Agulhon.
- e) Vincenzo Ferrone.

#### Comentários

A **alternativa A** está incorreta. Embora Giovanni Levi também seja um expoente da micro-história, a obra *O queijo e os vermes* foi escrita por Ginzburg.

A **alternativa B** está correta. Em *O queijo e os vermes*, Carlo Ginzburg analisa o cotidiano e as ideias do moleiro Menocchio, que viveu no século XVI e foi condenado pela Inquisição.

A **alternativa C** está incorreta. Expoente da História Intelectual, François Dosse é autor de diversas obras, incluindo *A História em Migalhas* e *Desafio Biográfico*.

A **alternativa D** está incorreta. O historiador francês Maurice Agulhon é autor de diversas obras sobre a história da França, incluindo *1848 - o Aprendizado da República*.

A **alternativa E** está incorreta. O historiador Vincenzo Ferrone não integrou a micro-história.

**Gabarito: B**

#### 5. (IMA – Prefeitura Municipal de Paço do Lumiar/MA – 2018)



Peter Burke discute a possibilidade de uma nova forma de escrever história, propondo-se a analisar as diferenças entre as narrativas da historiografia contemporânea, constatando que a narrativa histórica, em um sentido bem restrito, está realizando uma espécie de retorno ao relato. Assim, sobre a escala de observação de seus objetos na pesquisa histórica e as técnicas e metodologias de pesquisa, esse mesmo autor destaca quatro tendências e menciona:

“É a narração de uma história sobre as pessoas comuns no local em que estão instaladas” - Escrita da História, p.341.

Portanto, como base no trecho, qual tendência esse autor menciona para a construção das narrativas históricas?

- a) História Social.
- b) História Estrutural.
- c) História Cultural.
- d) Micro História.

### Comentários

A **alternativa D** está correta. Desenvolvida na década de 1960, a partir dos esforços dos historiadores italianos Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, a micro-história é uma abordagem que propôs uma redução da escala do recorte temporal e espacial dos objetos de estudo, para então promover uma exploração exaustiva das fontes. Assim sendo, o movimento busca a compreensão das relações no nível microanalítico de forma a desvendar uma realidade macro.

A **alternativa A** está incorreta. Pela sua predileção à análise dos movimentos sociais, especialmente entre os clássicos trabalhos legados pelos historiadores marxistas britânicos, a História social não costuma adotar recortes temporais e espaciais restritos.

A **alternativa B** está incorreta. A história estrutural adota uma linha de análise que se opõe à redução do recorte temporal e espacial proposto pela micro-história e presente na descrição.

A **alternativa C** está incorreta. A História Cultural é uma linha do conhecimento que pode ou não estar associada aos procedimentos de análise presentes na descrição, que, por sua vez, caracterizam a Micro História.

### Gabarito: D

## 6. (UEPENET/IAUPE – Prefeitura Municipal de Bom Conselho/PE - 2022)

Consideramos que, embora o debate das relações entre a História e o ficcional já tenha avançado bastante e que muitos preconceitos tenham sido derrubados, ainda há muito o que se discutir sobre os contatos – e distanciamentos – entre estas duas formas de compreender o mundo, e que, sem dúvida, ainda há diversos outros preconceitos, principalmente no que toca ao ponto do ficcional, a serem combatidos.



(O FINGIR HISTORIOGRÁFICO: A ESCRITA DA HISTÓRIA ENTRE A CIÊNCIA E A FICÇÃO – GOMES, Warley Alves.)

Destes teóricos relacionados abaixo, qual deles NÃO considera a história uma ciência, mas sim um ramo da literatura?

- a) Michel De Certeau
- b) Hayden White
- c) Roger Chartier
- d) Jorn Husen
- e) Reinhart Koselleck

### Comentários

A **alternativa B** está correta. Em *Meta-história*, o historiador Hyden White promoveu uma aproximação entre a história a literatura ao defender que as narrativas históricas são ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos.

### Gabarito: B

## 7. (AOCF – Prefeitura Municipal de Seropédica/RJ – 2013)

Assinale a alternativa correta para definir algumas correntes do pensamento historiográfico.

- a) Positivista – fundamentada na filosofia de August Comte, tem como adepto os historiadores Éric Hobsbawm e Seignobos.
- b) Marxista – fundamentada na luta de classes; tem como seguidores os historiadores E.P. Thompson e Karl Marx.
- c) Nova História – promoveu a revolução documental e defendeu uma história livre de engajamentos.
- d) História Cultural – bastante praticada nos dias de hoje, mas não existe uniformidade entre seus praticantes.
- e) Pós-Modernista – influenciada por Hayden White e a virada linguística, prima por uma história objetiva.

### Comentários

A **alternativa D** está correta. A pluralidade de métodos e abordagens contribuem para que os historiadores situados no campo da História Cultural não possam ser encarados como um todo homogêneo.



A **alternativa A** está incorreta. Hobsbawm constitui a historiografia marxista inglesa, juntamente com Edward Thompson e Christopher Hill.

A **alternativa B** está incorreta. Karl Marx não é um seguidor da corrente, mas seu fundador. Cabe destacar que Thompson fundamenta seus estudos na luta de classes, mas é considerado um marxista revisionista.

A **alternativa \_** está incorreta.

A **alternativa E** está incorreta. Embora diversos historiadores tenham sido influenciados pelo giro linguístico dos anos 1970, Hayden White foi alvo de críticas por seus pares ao defender o caráter ficcional da escrita histórica. Assim sendo, outros pensadores apresentam maior influência no período, incluindo Michel Foucault.

**Gabarito: D**

### 8. (UFMT – Prefeitura Municipal de Campo Novo do Parecis/MT – 2019)

Por volta dos anos 1970, o campo historiográfico foi impactado pelo que ficou conhecido como “giro linguístico” nas ciências humanas. A obra de Hayden White intitulada “A Meta-História” e o artigo de Lawrence Stone “O retorno da narrativa” são exemplos da repercussão do “giro linguístico” no conhecimento histórico. Qual é a principal crítica feita nesse momento à forma como era escrita a história?

- a) A escrita da história baseada na narrativa dos feitos e glórias dos grandes heróis do passado.
- b) A inexistência de um regime de verdade objetivo na História.
- c) A pouca importância das questões relativas à linguagem na produção do conhecimento histórico.
- d) A superação da dicotomia individual-coletivo no sentido de uma história preocupada com os processos econômicos e sociais.

### Comentários

A **alternativa C** está correta. Hayden White, Lawrence Stone e outros pensadores influenciados pelo "giro linguístico" dos anos 1970 defenderam maior atenção à estrutura da narrativa e à linguagem utilizada na produção do conhecimento histórico.

A **alternativa A** está incorreta. A glorificação do passado pela escrita historiográfica não era um elemento constitutivo dos trabalhos criticados por White e Stone, afinal trata-se de uma característica predominante na historiografia até o início do século XX.

A **alternativa B** está incorreta. Lawrence Stone defendeu a busca pela objetividade na História, considerando que o "renascimento da narrativa" promovido por alguns historiadores contemporâneos indicava um enfraquecimento da busca pela explicação científica coerente sobre a transformação do passado.



A **alternativa C** está incorreta. Embora Stone tenha considerado um abandono das grandes questões pelo "renascimento da narrativa", suas análises se aproximam dos trabalhos de Hayden White em relação à linguagem e à estrutura da narrativa adotada pelas produções historiográficas.

**Gabarito: C**

### 9. (CESGRANRIO – SEEC-RN – Professor de História – 2011)

Em nossas áreas [de ciências humanas e sociais], o ideal era que houvesse linguagens distintas, mais especializada nas revistas, mais acessível nos livros. Poder-se-ia acrescentar ainda um terceiro meio, o artigo de jornal, que requer linguagem ainda mais destravada e acessível. A maioria dos historiadores usa o mesmo estilo pesado nos três casos, confundindo-o com profundidade. Depois reclama que não há leitores para livros de História, quando os há aos milhares para as obras de Eduardo Bueno e para as biografias escritas por jornalistas. O fato é que escrevemos mal e o leitor não especializado refuga. Das duas uma, ou se renuncia a ser lido fora da tribo acadêmica ou se procura melhorar a escrita. Pessoalmente, acho que o historiador não deve fechar-se no gueto acadêmico. Prefiro escrever sem jargão e correr o risco de ser chamado de ensaísta a esconder o resultado das pesquisas do público não especializado. Todos gostam de boas histórias, não há por que não gostarem também de boa História.

MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. José Murilo de Carvalho. In: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio (orgs.). Conversas com historiadores brasileiros. São Paulo: Ed. 34, 2002, p. 175.

A recente reflexão metodológica sobre as formas de escrita da história não se restringe à preocupação com o estilo adequado para cada público. Ela vincula-se também ao "renascimento da narrativa", alardeado por

- a) Lucien Febvre, que privilegiou a "história dos acontecimentos" em detrimento da história das estruturas.
- b) Fernand Braudel, que foi figura central da 2ª geração da "escola dos Annales".
- c) Lawrence Stone, que contribuiu para tornar a narrativa histórica tema de debate.
- d) Eric Hobsbawm, que reconheceu o equívoco de uma história de inspiração marxista para a compreensão do mundo atual.
- e) Hayden White, que provocou enérgicas reações dos historiadores ao negar o caráter literário da escrita da História.

### Comentários

A **alternativa C** está correta. O historiador inglês Lawrence Stone (1916-1999) é autor do célebre artigo "O ressurgimento da narrativa" (1979), no qual considera que muitos historiadores estariam à frente de um retorno da narrativa, pouco preocupada em promover uma explicação científica coerente sobre a transformação do passado.



A **alternativa A** está incorreta. A discussão de um "renascimento da narrativa" foi proposta por Lawrence Stone nos anos 1990, décadas após a morte de Lucien Febvre. Ademais, Stone associa o autor francês aos esforços que promoveram o desaparecimento da narrativa em um primeiro momento.

A **alternativa B** está incorreta. A ideia de um "renascimento da narrativa" foi defendida por Lawrence Stone nos anos 1990, anos após a morte de Braudel.

A **alternativa D** está incorreta. Eric Hobsbawm foi um dos principais críticos das análises de Lawrence Stone, que considerava que a História teria sido dominada pelo "renascimento da narrativa".

A **alternativa E** está incorreta. Hayden White é autor da obra "Meta-história", na qual promove aproximações entre a narrativa historiográfica e a narrativa ficcional.

**Gabarito: C**

#### 10. (CETREDE – Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte/CE – 2019)

Lugar, prática e escrita são etapas da produção do conhecimento histórico denominada por Michel de Certeau como:

- a) crítica histórica.
- b) narrativa histórica.
- c) imaginário histórico.
- d) operação historiográfica.
- e) epistemologia da História.

#### Comentários

A **alternativa C** está correta. Em A escrita da história, Michel de Certeau considera que a operação historiográfica estabelece um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura).

**Gabarito: C**

#### 11. (UPENET/IAUPE – Prefeitura Municipal de Bom Conselho/PE – 2022)

“A Micro-História é um campo relativamente recente na Historiografia, e ainda hoje gera muitas polêmicas com relação às suas possibilidades de definição. Uma questão complicadora é que a Micro-História começou a desabrochar com um grupo muito específico de historiadores italianos, que tem até os dias de



hoje publicação própria (os Quaderni storici) e por isso não é raro que se confunda a Micro-História – enquanto nova possibilidade de abordagem historiográfica – com este grupo.”

(SOBRE A FEITURA DA MICRO-HISTÓRIA – BARROS, José D’Assunção).

Uma das características dos fundadores dos “Quaderni Storici” é a ampla defesa feita sobre a cientificidade da história produzida dentro das universidades.

Qual dos historiadores abaixo representa o grupo de italianos idealizadores da empreitada microhistoriográfica?

- a) Paul Veyne
- b) Antonio Gramsci
- c) Carlo Ginzburg
- d) Marc Bloch
- e) Domenico Di Masi

### Comentários

A **alternativa C** está correta. Desenvolvida na década de 1960, a partir dos esforços dos historiadores italianos Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, a micro-história é uma abordagem que propôs uma redução da escala do recorte temporal e espacial dos objetos de estudo, para então promover uma exploração exaustiva das fontes.

A **alternativa A** está incorreta. Paul Veyne foi um historiador francês, especialista em história da antiguidade romana.

A **alternativa B** está incorreta. Antonio Gramsci é um filósofo italiano de viés marxista.

A **alternativa D** está incorreta. Durante sua carreira como historiador, Marc Bloch adotou recortes temporais e espaciais mais expressivos que aqueles que caracterizam as produções da Micro-história.

A **alternativa E** está incorreta. Domenico Di Masi é um sociólogo italiano, conhecido pelo conceito do “ócio criativo”.

**Gabarito: C**

### 12. (FEPESE – XXX/MT – 2019)

Leia com atenção o texto a seguir.



A ..... é um gênero historiográfico surgido na Itália e que envolve uma proposta de análise histórica centrada numa delimitação temática extremamente específica por parte do historiador, tanto em termos de espaço como de tempo. Sugere-se uma escala de observação reduzida e a análise deve ser desenvolvida a partir de uma exploração exaustiva das fontes, envolvendo a descrição etnográfica e buscando uma narrativa histórica com cuidados literários, mas profundamente enraizada nas fontes. Contempla temáticas ligadas ao cotidiano das comunidades. Entre os principais representantes dessa corrente destacam-se Carlo Ginzburg e .....

Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do texto.

- a) micro-história • Giovanni Levi
- b) história oral • Marieta Moraes
- c) história do trabalho • Vittorio Foa
- d) história em migalha • Giulio Einaudi
- e) história do cotidiano • Petro Marcenaro

### Comentários

A **alternativa A** está correta. O texto oferece uma descrição da micro-história, gênero desenvolvido pelos historiadores italianos Carlo Ginzburg e Giovanni Levi.

A **alternativa B** está incorreta. A história oral não é um gênero historiográfico, mas um método de pesquisa.

A **alternativa C** está incorreta. A história do trabalho não é um gênero historiográfico, mas uma linha de abordagem. Além disso, Vittorio Foa foi um político italiano.

A **alternativa D** está incorreta. Giulio Einaudi era um editor italiano.

A **alternativa E** está incorreta. A história do cotidiano não é um gênero historiográfico, mas uma linha de abordagem.

**Gabarito: A**



### 13. (CETREDE – Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte/CE – 2019)

São categorias históricas estudadas por Reinhart Koselleck em sua obra Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos:

- a) Espaço de Experiência e Horizonte de Expectativa.
- b) Espaço de Experiência e Representação.
- c) Paradigma Indiciário e Horizonte de Expectativa.
- d) Representação e Mentalidades.
- e) Mentalidades e Paradigma Indiciário.

#### Comentários

A **alternativa A** está correta. Koselleck considera as sociedades diferentes épocas elaboraram, no seu Presente, um entrelaçamento entre as noções de Futuro e Passado. Neste processo, o autor identifica a tensão existente entre duas categorias formais: o espaço de experiência e horizonte de expectativa.

A **alternativa B** está incorreta. Diferentemente de espaço de experiência, a representação não é uma categoria formal da teoria koselleckiana.

A **alternativa C** está incorreta. O paradigma indiciário é um conceito atrelado aos estudos do historiador italiano Carlo Ginzburg, um dos fundadores da micro-história.

A **alternativa D** está incorreta. Representação e mentalidades são elementos que constituem a linha de estudos denominada de História Cultural.

A **alternativa E** está incorreta. Os elementos mencionados não constituem categorias formais dos estudos de Reinhart Koselleck.

**Gabarito: A**

### 14. (UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso/MT – 2019)

“A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada numa experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltando para o ainda não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto.”



(KOSSELLECK, R. Futuro passado. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio: Contraponto, 2006.)

O historiador alemão Reinhart Koselleck pensa o tempo histórico a partir do par analítico “espaço da experiência” e “horizonte de expectativa”. Na perspectiva do autor, como é identificado esse par analítico?

- a) Estruturas mentais
- b) Silogismos aristotélicos
- c) Conceitos metodológicos
- d) Categorias formais

### Comentários

A **alternativa D** está correta. Koselleck considera as sociedades diferentes épocas elaboraram, no seu Presente, um entrelaçamento entre as noções de Futuro e Passado. Neste processo, o autor identifica a tensão existente entre duas categorias formais: o espaço de experiência e horizonte de expectativa.

### Gabarito: D

#### 15. (UFMT – Prefeitura Municipal de Campo Novo do Parecis/MT – 2019)

François Hartog, no início do século XXI, propôs o conceito de regime de historicidade para pensar o problema do tempo histórico como uma tentativa de trazer para o campo historiográfico essa discussão. Qual alternativa resume o conceito de regime de historicidade?

- a) Uma realidade concreta que se apresenta ao historiador, que deve registrar sua factualidade.
- b) Uma categoria formal de matriz kantiano para entender a dimensão metafísica do tempo
- c) Uma noção empírica que possui como objetivo central a capacidade de apreensão de uma realidade histórica dada.
- d) Um artefato teórico capaz de compreender a maneira como uma sociedade articula passado, presente e futuro.

### Comentários

A **alternativa D** está correta. François Hartog, caracteriza regime de historicidade como uma categoria de análise histórica, uma ferramenta que auxilia o historiador na compreensão dessas experiências, sobretudo em seus momentos de crise. Ao mesmo tempo, o conceito também contribui para os debates que envolvem as relações entre memória e história e patrimônio.

### Gabarito: D



## 8. Considerações Finais

Chegamos ao final da nossa última aula! Em caso de dúvidas, sugestões ou críticas entre em contato comigo! Estou disponível no Fórum de Dúvidas e nas redes sociais.

Bons estudos e boa prova!

Prof. Marco Túlio.



[profmarco.tulio](https://www.instagram.com/profmarco.tulio)



[histpraboidormir](https://www.telegram.me/histpraboidormir)

## 9. Referências

BARROS, José D'Assunção. "História Cultural e História das Idéias – diálogos historiográficos" in 'Cultura. Revista de História e Teoria das Idéias' (Revista do Centro de Cultura, Faculdades de Ciências Sociais e Humanas – Lisboa, Portugal). março de 2006. p.259-266.

BARROS, José D'Assunção. Teoria da História - volume 5: Acordes Historiográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

FACINA, Adriana. Eric J. Hobsbawm (1917-2012). In: PARADA, Maurício (org.). Os historiadores: de Ricoeur a Chartier. Petrópolis, RJ: Vozes: PUC-Rio, 2014. pp. 48-68.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006

MIRANDA JÚNIOR, Robson Freitas de. A história como "logos do outro": Michel de Certeau e a operação historiográfica. Temporalidades – Revista de História, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 98-122, 2019.

REIS, José Carlos. Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa. Reflexões sobre uma nova velha história, Revista de História (IFCH, Unicamp), n. 2/3, São Paulo, 1991.

THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

WHITE, Hayden. Teoria da História e escrita da História. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 13, 1994.



# ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



**1** Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



**2** Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



**3** Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



**4** Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



**5** Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



**6** Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



**7** Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



**8** O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.